

DO ABSTRATO AO CONCRETO: O MÉTODO MARXIANO DE ANÁLISE DA ECONOMIA POLÍTICA

Emanoel Rodrigues Almeida¹
Maria das Dores Mendes Segundo²
Francisca Maurilene do Carmo³
Fabiano Geraldo Barbosa⁴

Resumo

De forma abstrata ou caótica, o ser social foi reproduzido pela Economia Política Clássica e pela economia vulgar, respectivamente. O objetivo geral deste estudo é demonstrar a reprodução ideal do ser social na sua forma histórica mais desenvolvida e complexa: o capitalismo. Desdobram-se daí os seguintes objetivos específicos: 1) demonstrar o caráter ontológico do método da economia política marxiana; 2) apresentar o caminho de ida e de volta do método da economia política marxiana. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica ancorada na ontologia marxiana, fundamentada nas obras de Marx (2011;1985), LUKÁCS (2012; 2013) e nos estudos de ROSDOLSKY (2001), RUBIN (1980), RUMIANTISEV (1980), DUSSEL (2012), entre outros. Através do ontométodo, Marx nos deu uma reprodução concreta do capitalismo.

Palavras-chave: Ontologia do Ser Social. Economia Política Marxiana. Método.

FROM THE ABSTRACT TO THE CONCRETE: THE MARXIAN METHOD THE OF ANALYSIS OF POLITICAL ECONOMY

Abstract

In an abstract or chaotic way, the social being was reproduced by classical political economy and vulgar economy, respectively. The general objective of this study is to demonstrate the ideal reproduction of the social being in its most developed and complex historical form: capitalism. The following specific objectives are then unfolded: 1) to demonstrate the ontological character of the method of Marxian political economy; 2) to present the way to and from the method of Marxian political economy. It is a bibliographical research anchored in the Marxian ontology, based on the works of Marx (2011, 1985), LUKÁCS (2012, 2013) and ROSDOLSKY (2001), RUBIN (1980), RUMIANTISEV (1980), DUSSEL 2012), among others. Through the ontomethod, Marx gave us a concrete reproduction of capitalism.

Key Words: Ontology of Social Being. Marxian Political Economy. Method.

¹ Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor do Instituto Federal do Ceará – IFCE. E-mail: emanoel.almeida@ifce.edu.br

² Doutora em Educação Brasileira pela UECE. Professora da Universidade Estadual do Ceará-. UECE. E-mail: mariadores.segundo@uece.br

³ Doutora em Educação Brasileira pela UFC. Professora da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: fmmaura@hotmail.com

⁴ Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor do Instituto Federal do Ceará – IFCE. E-mail: fa_gb@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Nosso tempo histórico tem sido marcado por reproduções do movimento do ser social cada vez mais decadentes, ideologicamente. Estas reproduções restringem o ser social a uma totalidade caótica ou na melhor das hipóteses a uma totalidade abstrata, como fez a economia política clássica. Estamos vivendo aquilo que Lukács denominou de decadência ideológica.

Estas reproduções caóticas ou abstratas do ser social acabam por tentar perenizar uma forma histórica do ser social: a produção capitalista. Para a economia vulgar, o futuro é a continuação do capitalismo. A continuação do ser social, no entanto, poderá nos oferecer a emancipação do gênero humano como uma perspectiva do futuro. Para isto é fundamental uma teoria do ser social que o reproduza como uma totalidade concreta. Esta perspectiva histórica e dialética do ser nos permite perceber, nas contradições antagônicas da produção burguesa, as possibilidades ontológicas para a realização de uma nova sociedade fundada sob à produção livre e associada. Como reproduzir idealmente o movimento real do ser social?

Para responder a esta questão este estudo tem como objetivo geral demonstrar a reprodução ideal do ser social na sua forma histórica mais desenvolvida e complexa: o capitalismo. Desdobram-se daí os seguintes objetivos específicos: 1) demonstrar o caminho de ida do método da economia política marxiana; 2) apresentar o movimento do abstrato ao concreto.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica ancorada na ontologia marxiana. Percebemos, na ontologia marxiana, que o movimento do ser determina, ontologicamente, o movimento analítico do sujeito da pesquisa: a existência real dos homens - os indivíduos reais e suas condições materiais de vida determina o processo analítico. É a realidade objetiva do ser social que indica quais são os procedimentos metodológicos adotados pelo sujeito pesquisador. A prioridade do objeto sobre o sujeito, impõe ao sujeito pesquisador que ele transforme o concreto real em concreto pensado. É a partir desta perspectiva metodológica que iremos proceder com o estudo de nosso objeto real: a apreensão e reprodução ideal do movimento da produção social na gênese, na processualidade e nas tendências do ser social. Para isso, iremos apoiar-nos

nas obras de Marx (2011;1985), LUKÁCS (2012; 2013) e nos estudos de ROSDOLSKY (2001), RUBIN (1980), RUMIANTISEV (1980), DUSSEL (2012), entre outros.

Na primeira parte do trabalho iremos apresentar o caráter ontológico do método da economia política marxiana. No segundo momento, descreveremos o caminho de ida e de volta da economia política marxiana. Em termos gerais, iremos demonstrar aquilo que Lukács denomina em sua ontologia de "a viagem de retorno".

1 DO ABSTRATO AO CONCRETO: O REAL COMO PRESSUPOSTO

O movimento analítico da pesquisa de Karl Marx não poderia ser outro, senão o movimento de seu objeto real: o ser social em sua forma histórica mais desenvolvida: o capitalismo. Marx o examina utilizando em seu ontométodo os procedimentos do materialismo dialético e do materialismo histórico.

É claro, portanto, que o método da economia política, que Marx designa como uma viagem de retorno, pressupõe uma cooperação permanente entre o procedimento histórico (genético) e o procedimento abstrativo-sistematizante, os quais evidenciam as leis e as tendências. A inter-relação orgânica, e por isso fecunda, dessas duas vias do conhecimento, todavia, só é possível sobre a base de uma crítica ontológica permanente de todos os passos dados, já que ambos os métodos têm como finalidade compreender, de ângulos diversos, os mesmos complexos da realidade. (LUKÁCS, 2012, p.306)

O ontométodo de pesquisa em Marx compreende dois momentos distintos, mas unitários ao mesmo tempo, de investigação e de exposição. Estes momentos tomam o real como ponto de partida e ponto de chegada. Investigação e exposição correspondem aos dois momentos metodológicos: o que é o ser e como reproduzi-lo idealmente.

O primeiro momento metodológico tem primazia sobre o segundo. O movimento do ser existe independentemente de sua reprodução ideal (correta) ou não. "O que é o ser" é a questão, ontologicamente, primeira. Para Marx o ser tem prioridade sob a consciência porque "não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência" (MARX, 1978, p.130).

“Como reproduzir idealmente o ser” é a questão secundária. Embora importante, pois permite desvelar o ser para além de suas manifestações. O movimento do pensamento, o movimento teórico deve seguir o movimento do ser. Ou seja, a ordem das categorias do pensamento forçosamente é a mesma ordem das categorias do ser. Como a produção social é o momento predominante do ser social, ela forçosamente será a categoria através da qual Marx se colocará no lugar privilegiado e devido para a apreensão do ser social e, assim, reproduz idealmente o seu movimento.

O movimento real do ser social determina o seu processo de reprodução ideal. O processo analítico acompanha os mesmos passos do movimento do ser social. As categorias ontológicas do seu objeto real, tornam-se as categorias analíticas de seu processo de pesquisa. O real, historicamente determinado, determina os processos analíticos de sua apreensão. As categorias do método dialético são determinadas pelo ser, ou seja, o “como conhecer” é um conhecer do próprio objeto real. As ideias devem ser encontradas no próprio movimento do real. O movimento analítico é o movimento do ser enquanto objeto pesquisado.

As categorias são ontológicas e reflexivas. O processo de apreensão e reprodução do real, efetivado pela razão, é orientado pela ordem do movimento das categorias presentes no próprio ser pesquisado.

As categorias reflexivas de seu método são, ao mesmo tempo, as categorias ontológicas do seu objeto real de estudo, isto é, elas são expressão das leis do mundo objetivo:

A base de qualquer conhecimento da realidade, independentemente de se tratar da natureza ou da sociedade, é o reconhecimento da objetividade do mundo exterior, isto é, da sua existência independentemente da consciência humana. Qualquer interpretação do mundo exterior nada mais é do que reflexo, por parte da consciência humana, do mundo que existe independentemente da consciência. (LUKÁCS, 2013, p.18)

A consciência é um processo que se tem decorrente da existência real. O concreto é pensado porque é resultado, no campo do pensamento, de múltiplas determinações, é síntese do real.

Para Marx, o método correto compreende um percurso analítico que parte do abstrato até culminar no concreto. As categorias ontológicas do seu

objeto são refletidas nas mesmas categorias analíticas de seu método de pesquisa: é somente por elas que o concreto, como síntese de múltiplas determinações, pode se tornar concreto pensado. Totalidade, contradição e mediação, categorias ontológicas de seu objeto, são agora instrumentos analíticos fundamentais no processo de reprodução ideal do movimento de seu objeto real.

Vejam, em linhas gerais, como Marx opera seu processo analítico em vista de seu objeto real: o ser social em sua forma mais desenvolvida: o modo de produção capitalista. Começemos pelo “caminho de ida: do real concreto às determinações abstratas”

2 O CAMINHO DE IDA E DE VOLTA DO MÉTODO DA ECONOMIA POLÍTICA MARXIANA

Marx entende que o método devido tem que partir das abstrações ao concreto. O processo analítico parte do real existente, do real concreto, ou seja, do modo de produção capitalista. Inicialmente, o real concreto aparece no campo do pensamento como uma representação plena, uma totalidade, mas uma totalidade caótica. Neste instante, a produção social burguesa, no plano do pensamento é sua pura imediaticidade.

A representação plena não corresponde ao real concreto, ao real existente. O conhecimento que se tem do real nesta etapa do processo analítico é inicial, ingênuo, cheio de sentidos, mas confuso e caótico.

Marx, através da abstração, como um ato analítico, separa da representação plena um a um os seus múltiplos conteúdos: produção, distribuição, circulação e consumo.

Ele separa inicialmente a produção social da totalidade, do todo e a considera como um todo. Este procedimento de separar inicialmente a produção não foi uma opção metodológica de Marx, mas uma determinação do movimento real de seu objeto. Esse deve ser o devido procedimento metodológico inicial. Já nos referimos acima que a produção social tem um lugar predominante no ser social, nela estão contidas, *in nuce*, as determinações das demais totalidades. Isto a torna o protótipo de todo o ser social. Daí a necessidade de iniciar o procedimento analítico por ela.

Além de separar analiticamente a produção, pela abstração, Marx encontra as determinações abstratas da produção. Pela abstração, Marx separa analiticamente a produção social (relaciona-a com o todo: distribuição, circulação e consumo) e encontra nela suas determinações abstratas.

Essas determinações são abstratas na medida em que consistem num momento do pensamento, num momento conceitualizado, uma vez que são separadas não diretamente do real concreto, mas de sua representação plena.

Esse processo de separar e analisar abstratamente, Marx realiza com as demais partes do todo, da totalidade social: distribuição, circulação e consumo, procedendo da mesma forma que fez com a produção social.

Do conjunto das determinações abstratas, Marx chega ao modo de produção capitalista como uma totalidade abstrata, uma totalidade em geral.

Este processo, até então, consiste no caminho de ida. Caminho este, que já era conhecido pela Economia Política Clássica, mas não com toda a riqueza das determinações abstratas que Marx chegou.

A Economia Política Clássica reproduziu, no plano do pensamento, o modo de produção capitalista, mas como uma totalidade abstrata, uma totalidade em geral.

Smith, em seu processo de abstração, encontrou a origem da riqueza: “não foi por ouro ou prata, mas pelo trabalho, que foi originalmente comprada toda a riqueza do mundo” (SMITH, 1983, p. 63).

David Ricardo, ainda no campo da Economia Política Clássica, identifica na abstração do modo de produção capitalista o caminho de como é feita a distribuição da riqueza.

O produto da terra – tudo que se obtém de sua superfície pela aplicação combinada de trabalho, maquinaria e capital – se divide em três classes da sociedade, a saber: o proprietário da terra, o dono do capital necessário para seu cultivo e os trabalhadores cujos esforços são empregados no seu cultivo. (RICARDO, 1982, p. 39)

Tanto em Smith como em Ricardo, a economia política clássica investigou o modo de produção capitalista como uma totalidade abstrata. Não obstante, restringiram-se à abstração do modo de produção capitalista como uma abstração em geral.

Os clássicos da Economia Política transformaram a produção capitalista, numa produção em geral, abstrata. Para eles, a produção que gera riqueza é a

produção em geral, abstrata. Pelo ato da abstração, encontraram a determinação abstrata da riqueza, das mercadorias: a produção em geral, nesse caso a produção abstrata. Transformaram uma forma histórica de produção – a produção capitalista – numa produção em geral. Com isto, eles tentaram perenizar um momento histórico de produção do ser social.

Por estar ancorado na ontologia, Marx apreende os passos analíticos da Economia Política Clássica e supera-os analisando o modo de produção capitalista como uma totalidade concreta, dialética e histórica.

O caminho de ida, assim, constitui-se no primeiro momento do ontométodo. O estudo das determinações abstratas, as simples e as complexas, é o momento inicial da pesquisa, posto que na representação plena do modo de produção capitalista, o conhecimento a seu respeito é, embora cheio de sentidos, pré-científico, pré-dialético; portanto, confuso e caótico.

Passemos, agora, a explicitar o “caminho de volta - do abstrato ao concreto”.

O último é, manifestamente, o método científico correto. O concreto é concreto por que é a síntese de múltiplas determinações, portanto unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento[...] O método consiste em elevar-se do abstrato ao concreto, em reproduzi-lo como concreto espiritual. (MARX, 2011, p.54)

O caminho de ida nos dá uma certa clareza do objeto real, embora muito simples. O real aparece como um conjunto de determinações simples. Como vimos, a abstração parte da representação plena do real enquanto uma totalidade caótica. O processo de abstração produz as determinações abstratas. Aqui as determinações abstratas, enquanto definidas, são conceitos. O caminho de ida produz conceitos: a produção em geral, a distribuição em geral, a circulação em geral, o consumo em geral, o trabalho em geral, etc.

O conjunto destes conceitos é o modo de produção capitalista como uma totalidade abstrata, uma totalidade em geral. No caminho de ida, o modo de produção capitalista aparece no pensamento como a forma perene de produção e apropriação da riqueza.

A economia política clássica procedeu desta forma e absolutizou uma determinada forma histórica de produção e apropriação – a capitalista - como uma produção e apropriação abstrata, em geral. A produção que gera mercadorias é a produção capitalista, como uma produção em geral. Ou seja, os economistas clássicos descobriram o trabalho por detrás das mercadorias, mas o trabalho privado, assalariado e o transformaram em trabalho abstrato e geral. Tornaram a forma privada que o trabalho assume nas condições objetivas do modo de produção capitalista em uma forma abstrata, em geral.

Para que o pensamento reproduza o modo de produção capitalista como uma totalidade de totalidades, uma totalidade concreta, era necessário fazer o “caminho de volta”. São a ida e a volta do caminho que permitem a reprodução ideal do movimento do real. A pesquisa de Marx investigou diacrônica e sincronicamente a totalidade da produção social burguesa. Marx procedeu com a investigação da produção social situando-a dentro de um todo histórico do ser social.

Procurou compreender a gênese da produção social burguesa. Seu objeto real é um processo em movimento. É um processo histórico. A gênese desta forma histórica de produção social – o capital – deveria ser encontrada nas formações socioeconômicas que lhe precederam. O capital é a forma mais desenvolvida e complexa de produção social que conhecemos; sua gênese estava na forma simples do valor.

Ademais, Marx analisou a estrutura e a dinâmica interna da produção social burguesa. No capital, enquanto totalidade do modo de produção capitalista, as categorias estão ordenadas de forma que não obedecem a ordem de seu surgimento na história, mas obedecem a uma ordem do próprio capital.

Como foi dito acima, o ontométodo consiste em situar a parte no todo. No caminho de volta, Marx toma as determinações abstratas como categorias, ou seja, como instrumentos ou mediações interpretativas. Pelas categorias, a reprodução ideal do movimento do real torna-se possível.

No caminho de volta, Marx procura situar a parte (a produção social, por exemplo) no todo (o modo de produção capitalista). Este procedimento é um ato inverso ao realizado pela abstração analítica.

Ao relacionar, diacrônica e sincronicamente, a produção social com o todo, ele tem a produção social como uma totalidade concreta. Como foi dito,

neste momento de volta, as determinações, enquanto instrumentos interpretativos, são tratadas como categorias. É através delas que Marx chega ao todo como uma totalidade concreta.

Marx faz uma análise diacrônica da produção social burguesa a partir do desenvolvimento do valor. Para demonstrar o movimento da produção social, coube a Marx, primeiramente, evidenciar o movimento das mercadorias. Através da teoria do fetichismo da mercadoria, apresenta o caminho histórico da produção social que gera valor.

Em oposição aos autores clássicos da economia política, Marx investiga a origem e a produção da riqueza a partir da unidade e das contradições entre produção, distribuição, circulação e consumo no modo de produção capitalista, enquanto sociabilidade historicamente determinada.

Marx puso el descubierto la falsidad científica de las afirmaciones de los economistas burgueses y mostró que todos ellos, a la vez veían las diferencias entre la producción, la distribución, el cambio y el consumo, no veían y no querían ver su unidad y concatenación, su interpretación y, lo que es más importante, el papel determinante de la producción.⁵ (RUMIANTSEV, 1980, p. 13)

Superando os clássicos da economia política, Karl Marx faz uma investigação da riqueza capitalista a partir da natureza do valor. Desse modo, investiga a forma do valor:

Antes de Marx, a atenção dos economistas clássicos e de seus epígonos se concentrou no conteúdo do valor, principalmente em seu aspecto quantitativo (quantidade de trabalho), ou no valor de troca relativo, quer dizer, nas proporções quantitativas da troca. Submeteram à análise os dois extremos da teoria do valor: o desenvolvimento da produtividade do trabalho e a técnica como causa interna da variação do valor, e as mudanças relativas do valor das mercadorias. Mas faltava-lhes a vinculação direta entre estes dois fatos: a forma do valor, isto é, o valor como a forma que se caracteriza pela coisificação das relações de produção e a transformação do trabalho social em uma propriedade dos produtos do trabalho. (RUBIN, 1980, p. 11)

Karl Marx, com o objetivo de desvendar a Economia Política como ciência social, até então constituída e ricamente desenvolvida pelo pensamento

⁵ Marx descobriu a falsidade científica das afirmações dos economistas burgueses e mostrou que todos eles, ao mesmo tempo, viam as diferenças entre a produção, a distribuição, a troca e o consumo, não viam e não queriam ver sua unidade e conexão, sua interpretação e, o que é mais importante, o papel determinante da produção. (Tradução livre do autor).

burguês, toma como investigação a teoria do valor-trabalho dos economistas clássicos, entendendo-a como um processo de desenvolvimento da relação entre as forças produtivas e as relações de produção, caracterizado, sobretudo, pelas relações mercantis de troca:

Marx, ao contrário dos clássicos não toma o valor como uma essência da *naturalidade* da sociedade, mas sim como a expressão de uma sociedade em que o indivíduo só existe enquanto produtor de valor de troca, o que implica a negação absoluta de sua existência natural. (RUBIN, 1980, p. 11)

Compreendendo a sociedade capitalista como *lócus* de mercadorias, em que as relações sociais de produção são coisificadas, Marx desenvolveu sua teoria do valor, tendo como base a categoria fetichismo: “a teoria do fetichismo é, *per se*, a base de todo o sistema econômico de Marx, particularmente de sua teoria do valor” (RUBIN, 1980, p. 19). O estudo da teoria do valor em Marx inicia-se, portanto, com a compreensão da categoria fetichismo:

Marx não mostrou apenas que as relações humanas eram encobertas por relações entre coisas, mas também que, na economia mercantil, as relações sociais de produção assumem inevitavelmente a forma de coisas e não podem se expressar senão através de coisas. A estrutura da economia mercantil leva as coisas a desempenharem um papel social particular e extremamente importante e, portanto, a adquirir propriedades sociais específicas. Marx descobriu as bases econômicas reificadas em formas objetivas das relações de produção de um modo de produção historicamente determinado: a produção mercantil. (RUBIN, 1980, p. 20)

Nos termos de uma sociedade fetichizada, Marx elaborou sua teoria do valor, tendo como ponto de partida o trabalho humano desprendido na produção de mercadorias. Nesse sentido, Karl Marx fez uma análise da questão do valor no contexto do desenvolvimento da relação entre as forças produtivas e as relações de produção que se expressava nas relações de troca e relações de poder.

Feito o constructo da teoria do valor, Karl Marx esboça sua crítica à Economia Política Clássica, denunciando-a como uma ciência da burguesia: da propriedade privada e do enriquecimento sem limite; decorre daí, também, a sua teoria da mais valia, que demonstra a exploração do homem pelo homem, ou seja, do trabalho explorado e apropriado pelo capitalista, expressão do lucro e do processo de acúmulo do capital.

Procedendo assim, diacrônica e sincronicamente, a produção social deixa de ser uma produção em geral, um conceito e torna-se produção concreta, explicada. Neste momento, a produção aparece no pensamento como produção concreta porque é síntese de múltiplas determinações.

Marx realiza este procedimento com todas as partes: distribuição, circulação e consumo. Procedendo assim, Marx encontra a totalidade concreta do modo de produção capitalista: o capital. Ele é uma totalidade de totalidades: produção, distribuição, circulação e consumo, na medida em que as funda e as explica.

Assim procedendo, o processo analítico vai espelhar dialeticamente, no plano do pensamento, o movimento do objeto real.

Feito o caminho de ida e de volta em torno de seu objeto real, Marx prepara a exposição de sua pesquisa. A exposição consiste na apresentação do todo arquitetônico de sua pesquisa.

A obra *o Capital* representa o momento da exposição da pesquisa de Marx, em que as categorias são apresentadas segundo a ordem de determinação que ocupam na constituição do ser social: o capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que, com o advento do capitalismo, o momento real se complexificou ainda mais. Diante dele, surgiram diferentes ideologias. A economia política clássica foi uma forma de consciência da classe burguesa. Esta forma de consciência representou significativo avanço no processo de compreensão e reprodução ideal do modo de produção capitalista. Conforme Marx, a economia política realizou o caminho de ida no processo de compreensão e reprodução ideal do capital. No entanto, por ter absolutizado esta forma de produção, deixou de demonstrar seu caráter histórico e passageiro. Podemos dizer que a economia política clássica compreendeu a realidade social como uma totalidade abstrata. Por seu compromisso com interesses burgueses, os economistas clássicos tentaram perenizar a forma burguesa de produção. Nesse sentido, a economia política clássica foi uma ideologia da classe burguesa.

Já a economia política vulgar, recuou em seu processo de compreensão e reprodução da realidade econômica, na medida em que tem tratado do modo de produção capitalista como uma totalidade caótica. Dessa forma, representa uma decadência ideológica do pensamento burguês no campo da economia.

Nesse sentido, temos assistido aquilo que Lukács denominou de decadência ideológica, ou destruição da razão, no processo de apreensão e reprodução do ser social. Essa decadência ideológica, nós temos assistido em todos os campos da reprodução ideal do ser social: economia, política, direito, educação, etc.

Demonstramos que Karl Marx superou a economia política clássica na medida em que apreendeu e reproduziu o capitalismo como uma totalidade concreta. No capital, o concreto real tornou-se concreto pensado, porque ele elevou para o campo do pensamento o real como uma síntese de múltiplas determinações sociais. Nesse sentido, Karl Marx fez o caminho de volta que a economia política clássica estava impossibilitada de realizar. Ao fazer o caminho de volta, Marx empreendeu a mais profunda e arguta crítica ao capitalismo. Nela, a categoria da mais valia aparece como essência de seu pensar teórico e revela o processo real de exploração do capitalista sob o trabalhador assalariado. Ao lado da luta dos trabalhadores, Marx se empenhou em oferecer à consciência deles uma concepção teórica que apontasse para o horizonte da emancipação humana a partir da superação das contradições do modo de produção capitalista.

Entendemos que esse processo de apreender e reproduzir o movimento das tendências históricas da produção social burguesa é uma atividade necessária, objetivando o processo revolucionário. É preciso ter um conhecimento científico do movimento do ser social em vista de sua superação. A construção de uma precisa teleologia depende em grande parte do conhecimento das legalidades causais da sociedade. Estamos vivendo um momento contrarrevolucionário que exige daqueles que avistam o horizonte da emancipação humana, uma postura teórica crítica e objetiva do movimento do ser social.

BIBLIOGRAFIA

DUSSEL, E. **A produção Teórica de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

DUSSEL, E. **Filosofia de la producción**. Bogotá: Nueva América, 1984.

ENGELS, F. **Anti-duhring**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GRESPLAN, J. L. **O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HOBBSBAWN, E. J. **A era do capital: 1848-1875**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

HOBBSBAWN, E. J. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HOBBSBAWN, E. J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSBAWN, E. J. **A Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUTART, François. **Religião e modos de produção pré-capitalistas**. São Paulo: Paulinas, 1982.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

LESSA, S. **Para Compreender a Ontologia de Lukács**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MANDEL, E. **A formação do pensamento econômico de Karl Marx: de 1843 até a redação de O Capital**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MARX, K. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução. In: **Revista Temas de Ciências Humanas**. Vol. II. São Paulo: Grijalbo, 1979.

MARX, K. **Para a crítica da Economia Política**. São Paulo: Cultural, 1982.

MARX, K. **O Capital, v.1**: Crítica da economia política. São Paulo: Cultural, 1985.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, K. **A Miséria da Filosofia**. Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1978.

MARX, K. **Manifesto comunista**. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2007.

MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MENDES SEGUNDO, M. das D. & RABELO, J. Marx e o fetichismo da mercadoria: notas a respeito do primeiro capítulo do livro I d'O Capital. In: JIMENEZ, S. & RABELO, J. (Orgs). **Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da história**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2004. P.31-47.

MÉSZÁROS, I. **O poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura do capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: EDUERJ-Contraponto, 2001.

RUBIN, I. **A teoria do valor em Marx**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

RUMIÁNTSEV, A. **Economia Política: capitalismo**. Traducción al español. Editora Progreso, 1980.